

# PSICANÁLISE, LINGÜÍSTICA E SEMIÓTICA: DO SENTIDO AO CORPO

Waldir Beividas\*

## RESUMO

*O texto comenta brevemente a convivência entre a psicanálise de Lacan e a lingüística de seu tempo, para encaminhar o entendimento do autor sobre as forças de pressão que operam hoje no horizonte das ciências com vistas ao conhecimento do corpo, da mente e, por extensão, do psiquismo e seu inconsciente. Pleiteia, no andamento da exposição, um novo exame sobre o estatuto da linguagem no horizonte dos estudos atuais dessas ciências, bem como, por decorrência, uma renovação dos pontos de vista da psicanálise, no limiar de seu segundo centenário, perante novas hipóteses sobre a linguagem e sua inscrição corporal.*

## SUMMARY

*The paper briefly comments the interactions between Lacan's psychoanalysis and the linguistics of his time, in order to bring the author's understanding about the pressure forces that take place today in the helm of science taking into consideration both body and mind awareness and extending into the psychic and its unconscious, It's intended that throughout the paper, a new exam about the language therefore due to this, a renovation of the points of view of psychoanalysis, at the threshold of its second century, in the presence of new language hypotheses and its body inscription.*

---

\* Doutor em lingüística e semiótica pela Puc. Professor adjunto pela UFRJ. Pós-doutorado pela EHESS (França).

**...y que nunca se peca por exceso atribuyendo  
a los mismos un sentido.**

(S. Freud)

Este texto retoma se não na letra seguramente na intenção o teor de palestra proferida na sede da SPRJ, numa Reunião Científica sobre “Interfaces da Psicanálise”, em maio de 2002. Procuo manter também algo do estilo conversacional de condução. Reconheço de antemão que o texto perde em demonstração o que quer em divulgação e em simplicidade. A objetivo primeiro foi mostrar um quadro panorâmico das interfaces, e desafios nelas contidos, que esperam a psicanálise na curva da história que dobrou para entrar em segundo centenário rumo ao futuro, mostrar isso a psicanalistas que, por força de metiê, estão com seu tempo mais comprometido com a premência do sofrimento alheio, nos quatro recantos da fala do homem, do que com a vigência da cognição geral, nos quatro cantos do discurso das ciências.

Considero-me uma espécie de caixeiro viajante da linguagem, “linguageiro viajante”, a negociar idéias nas praças várias em que participo, sobretudo psicanalíticas; meu trabalho, se puder resumir: estar em constante alerta quanto à *subsistência* da linguagem em quaisquer campos da prática humana, isto é, como mecanismo imanente e subjacente em qualquer atividade humana, no presente caso no campo da psicanálise, teoria e clínica.

Pelo contato que pude ter com a organização deste evento, vocês estariam interessados no tema da entrada de Lacan, a aproximação, a interface que procurou com a Lingüística nas suas definições de inconsciente. Sem dúvida, foi o psicanalista pós-freudiano, nos anos 50, que mais esteve suscetível, e advertido, quanto ao papel de fundação das estruturas de linguagem para qualquer conceptualização do inconsciente humano. Quero visitar brevemente essa inflexão momentosa de Lacan, mas com a atenção voltada ao que considero serem novos e inevitáveis desafios que nos apresenta ao ser trazida para o contexto atual das pesquisas sobre a linguagem, sobre a mente, o corpo, o psiquismo.

## PSICANÁLISE E LINGUAGEM

A interface psicanálise/linguagem e psicanálise/lingüística são duas coisas distintas. Sabemos desde Freud, desde as origens do seu pensamento, que esse pioneiro do inconsciente, antes mesmo de desenhá-lo um perfil, fora buscar um *aparelho de linguagem* para seus estudos sobre a *Afasia* (1891), como curioso e “muy descarado” investigador a cruzar armas com nomes papais da neurologia de sua época, Wernicke, Lichtheim, Grashey e o “alto y poderoso” Meynert (cf. FREUD, Vol. III: 3474). Não só teria feito com isso um primeiro e forte aceno para questões gerais da linguagem como também, em seguida, acenado positivamente para a lingüística de seu tempo, para a etimologia, filologia. Fazer valer seu ângulo específico de incidência no psiquismo humano levou-o a apostar grandemente na “magia” da palavra, e os resquícios mágicos de seu poder na atualidade foram objeto de menção em frases inaugurais, tanto quanto augurais, proferidas em suas magníficas lições ou conferências, perto da sua maturidade sexagenária:

*“El tratamiento psicoanalítico aparece como un intercambio de palabras entre el paciente y el analista. El paciente habla...El médico escucha (...) Por medio de palabras puede un hombre hacer feliz a un semejante o llevarle a la desesperación” (Vol.II: 2126).*

É certo que Freud teve um momento biológico de suas investigações, momento do *Projeto*, sua formação médica, mas está claro no seu pensamento que tomou uma decisão: deixar em parêntese, e para um futuro, o registro do fisiológico, do biológico. Foram várias, e recorrentes ao longo do tempo, as passagens em sua obra a indicar que quando o biológico tivesse de significar uma “estação limite” do nosso conhecimento atual – metáfora da última estação onde chega o trem – tínhamos o direito de passar e permanecer no campo puramente psíquico:

*“podremos, pues, dar de lado todos los factores fisiológicos y psicofisiológicos y consagrarnos a investigaciones puramente psicológicas sobre el sentido de los actos*

*fallidos; esto es, sobre su significación y sus intenciones”*  
(Vol.II: 2138).

A meu ver esse foi o gesto de incrustar na psicanálise o *registro do sentido*, o registro da linguagem. Lacan viu e nos levou a ver muito bem isso. Garimpou o ouro freudiano e refundiu a psicanálise do seu mestre sob a têmpera da estrutura languageira do inconsciente. Por decorrência, dos anos 50 até 70 (sendo breve aqui), houve então amarração forte entre psicanálise e lingüística. Posteriormente Lacan foi atenuando a catação, a captação das evoluções conceptuais da lingüística. Por quê? Porque o modo como operava as categorias da lingüística (significante, significado, signo) não dava liga, não dava diálogo com os lingüistas, e os anos 50 e 60 nada facilitaram. Foram anos brilhantes e também confusos a história do estruturalismo. Foi a história de nascimento de atos vigorosos e concomitantes de criação: antropologia, lingüística, semiologia, fonologia, semiótica, todas concorrendo com a marca *estrutural*, e psicanálise também. Foi o canteiro de nascimento de todas elas e, claro, as teorias quando nascem são um pouco como animais: procuram ocupar seus espaços e devorar quem os ameaça (essa coação ‘etológica’ não é simples metáfora, como o leitor poderá conferir adiante).

Rivalidade muita, intercâmbio pouco, os lingüistas não foram exceção: praticamente não se dispuseram a nenhum diálogo de proveito com Lacan, não o reconheceram como interlocutor, por relação àquilo que o psicanalista estava trazendo, reflexões importantíssimas, até mesmo precoces, sobre a questão da enunciação, sobre a questão da evanescência de um sujeito que produz um ato, o fugaz momento de emergência de um ato significativo. A lingüística estava muito imatura naquele momento, ainda balbuciante na análise sígnica, na análise da frase, do fonema. Esses ruídos reverberando aqui e ali, chega um determinado momento, Lacan dissolve seu contato com a lingüística e funda o que então vem chamar de *lingüisteria*. Cria-se um divórcio, uma ruptura, e todo casamento apaixonado se desfaz ali, próximo dos últimos anos de produção mais madura do carismático francês até os anos 70, pouco mais pouco menos, quando homenageia Jakobson ao mesmo tempo que lhe devolve a aliança de quilate lingüístico. Assim penso poder resumir a imensa agitação teórica desses anos. Depois Lacan começa seus seminários com

novos gestos de outra fundação para a psicanálise, ligada à topologia, nós borromeanos, tema que não é nosso aqui.

Quero enfatizar que esse período de namoro com a lingüística nos deixou uma interface apenas acenada, não constituída, apenas inaugurada e logo abruptamente rompida, com poucos conceitos da área da lingüística absorvidos em psicanálise (se contarmos, talvez bastem os dedos das mãos)<sup>1</sup>. Havia muitos conceitos mais a ter importado, não fosse esse rompimento e essa fundação de uma linguística, de uma *lalanguelogia* a qual, para minha visão, ainda se apresenta tosca, de rosto ainda pálido, sem conceitos ou leis devidamente caracterizados, vestida mais com roupagens *negativas*, naquilo que *não seria* a lingüística ou a língua tal como o entendem os lingüistas, naquilo que *não é* o signo já aí dado, naquilo que *não seria* nem mesmo a estrutura tal como a estrutura de linguagem dos lingüistas, etc. Para meu gosto, ou desgosto, essa jovem debutante não exibiu ainda dotes conceptuais a poder competir com a dama mais antiga na passarela das investigações mais conseqüentes sobre o fenômeno da linguagem e suas incidências no inconsciente.

Depois de Lacan, são claros os indícios de que a lingüística deixou em definitivo de fazer parte das cogitações psicanalíticas, lamentavelmente quero enfatizar. Com a fundação da linguística, grupos pós-lacanianos, mais próximos de J. A. Miller, genro do mestre, defendem recentemente idéias de um aparelho da *apparole*, que se apresentaria como espécie de *anti-fala*, algo não só avesso a ser *estruturado*, como ainda impermeável ao fator *comunicação*, esta última suposta por todos os teóricos da linguagem como a própria alma da fala ou da linguagem corriqueira. São dizeres recomendados como excelências de uma “segunda clínica” de Lacan, dos quais só o tempo testará a fecundidade ou não. Mesmo porque, um novo nome, para virar conceito, tem de ser calejado teoricamente, senão seu charme se desvanesce rápido diante de outras novidades que de costume se põem periodicamente na cena psicanalítica. Para mim, se concordarmos que toda a metáfora de escape é trapaça no jogo, uma fala *in-co-mu-ni-cá-vel* – pesando cada grama do

<sup>1</sup> Em Bevidas (2000) trato mais extensamente dessa situação.

termo – não admite, por isso mesmo, *nenhuma escuta*, não haveria nem primeira nem segunda, porque a clínica não haveria, simplesmente.

Em minha convicção, entre lingüística e psicanálise não se deu ainda algum capítulo escrito de diálogo mais fecundo, apenas um rascunho tosco de mal-entendidos. O abandono pela psicanálise do terreno da linguagem, como cogitação primeira e fundante do psiquismo, é um risco muito grande, suicida, porque lhe tira uma base firme, difícil de substituir, sem a qual não haverá outra possibilidade fundante senão no regime do bios, na fundação do puramente biológico, das ciências neurofisiológicas. É questão do tudo ou nada. Fora disso, ou no entre-meio, espreita a areia movediça de metáforas, analogias, licenciosidades retóricas em frases de efeito, que muito encantam, mas pouco convencem e logo afundam.

Para dizer em outros termos, a linguagem não pode ser tida como mera questão de namoro, de uma paisagem lingüística que Lacan quis pintar para o fundo da tela do inconsciente. É uma fundação muito mais amarrada à própria estrutura – e aqui está a idéia que quero amadurecer no tempo que me cabe: a linguagem tem uma *inscrição corporal* muito mais profunda, muito mais arraigada e amarrada na nossa etologia, animais que somos da nossa espécie. Qualquer abandono da linguagem e das potencialidades das suas – se não quisermos chamar ‘estruturas’, porque o termo parece já suscitar esconjuras – das suas formações ou *morfologias languageiras* que nos constitui como seres vivos, portadores de um inconsciente, qualquer perda dessa fundação coloca um sério risco, não exatamente de destituir a psicanálise, mas de não ver outra possibilidade de *co-notar* a psicanálise a não ser como registro da cifra química, do grafo neurônico, da energia fisio-biológica.

Tenho de enfatizar então que minimizar a influência ou inflexão lingüística da psicanálise trata-se de um desafio de grande monta, em que toda decisão deve ser feita com pleno conhecimento de causa, da direção e das conseqüências para onde isso arrasta. Quando por exemplo ouço alguns psicanalistas dizerem que ultrapassaram a lingüística, que abandonaram o terreno da linguagem, no seu fazer, nos seus desenvolvimentos, presumirem, até mesmo com altivez de boca cheia, que vão para além dela, para um *fora-sentido*, um *além-sentido*, um *mais-forte-que-o-sentido*, a sorte, por assim dizer, é que mesmo dizendo isso per-

manece pairando, num fundo subreptício, como pressuposição implícita – sobretudo quando olhamos de perto não as formulações retóricas disso, mas os (poucos) exemplos porventura dados concretamente – que estão inteiramente banhados de linguagem, que o além-sentido pretendido nada mais é do que um *sentido além* (além do cotidiano ou esperado), que o fora-sentido enaltecido nada mais é do que um *sentido fora* (do regime ordinário), ou que o mais-forte-que-o-sentido nada vai além de um *sentido mais forte* (do que pensa o imaginário), em todo caso, sempre um sentido *a mais*, um sentido *ainda*. A epígrafe deste trabalho é homenagem à lucidez freudiana.

Noutros termos, entendo que os conceitos freudianos estão todos eles arraigados no regime do sentido, da linguagem, até mesmo os mais recalcitrantes, como os de pulsão, de gozo, de afeto, que são, por assim dizer, os limites, os limiares do órgão, do corpo como bios, zonas fronteiriças entre o corpo da matéria ‘estúpida’ e o espírito da mente inteligente. Um percurso: do sentido ao corpo, eis o desafio maior que presumo espreitar a psicanálise – ao dobrar o cabo de seu segundo centenário, espero que da ‘boa esperança’ – diante do quadro atual das ciências.

*Do corpo ao sentido. Do sentido ao corpo.*



Entendo o painel das ciências de hoje, voltadas ao homem, em dois vetores preponderantes de pressão para o conhecimento do corpo, estendido às suas coerções psíquicas, ou para o desvendamento do espírito (do inconsciente), sob suas coerções corporais: o vetor de pressão do regime científico (do corpo ? ao sentido) e o vetor de pressão do regime linguageiro (do sentido ? ao corpo). À vista do esquema ilustrado acima, essas duas forças avançaram e avançam, no decorrer dos tempos, para contrair, para restringir e ocupar um vasto espaço do que chamaria

o *imaginário mitológico* de compreensão do corpo, do homem, dos fenômenos da vida (animal e humana). Esse imaginário mitológico, muito extenso no começo da nossa história pensante, pouco a pouco foi-se contraindo com o avanço de razões explicativas das ciências do bios, ou com o avanço de argumentos descritivos e/ou interpretativos das ciências da psiquê, chamadas humanas, a comporem genérica, declarada ou mais difusamente, a episteme da linguagem, o registro do sentido.

Da esquerda para a direita no desenho, teorias envolvidas no concerto de disciplinas simbólicas, como filosofia, lingüística, sociologia, antropologia, procuram abocanhar fatias do corpo, do eu, do inconsciente ou da mente em geral, retirá-las do espaço desse imaginário mitológico; procuram extrair dele, a seu modo, com seus instrumentos descritivos, suas lógicas, seus modelos, alguma inteligibilidade nova, explicação mais plausível, conhecimento mais seguro. Da direita para a esquerda, o avanço das ciências chamadas exatas, fisiológicas, neurológicas, biológicas, procura fazer o mesmo. No centro, o vasto campo da fenomenologia do imaginário mitológico, entendimentos mais ou menos míticos sobre corpo e mente, herdados de concepções de ares mitológicos desde os arcanos da civilização. Concedamos que esse espaço central seja também o de uma *reserva especulativa*: sempre cabe uma reserva especulativa, quando a ciência não consegue explicar ou quando as disciplinas do simbólico não conseguem descrever, isso para dizer que teremos problemas a resolver até o fim da existência do ser humano. Essa reserva especulativa apenas se extinguiria se um dia tivéssemos a possibilidade – descartada liminarmente – de uma *teoria total* da linguagem ou *ciência total* do corpo.

Quando menciono uma *contração* do imaginário mitológico, cabe notar que hoje em dia existem, e convivemos com elas, muitas disciplinas de natureza eminentemente míticas, ciências esotéricas de forte teor imaginativo ou imaginário. Com o termo – imaginário mitológico – não entendo a idéia presa à definição específica de Lacan, mas a idéia mais geral de tudo aquilo que se *pôde imaginar*, toda especulação feita ou passível de ter sido feita sobre a mente humana, sobre o corpo, desde a aurora do pensamento humano. Não esqueçamos que a própria psicologia nasceu de um mito: o grande mito do namoro entre EROS e PSIQUE. A filosofia nasceu em meio ao panteão dos deuses: Zeus, Apolo, Dionísios,



Afrodite, Diana, etc. deusa da verdade, deus da força, do vento, do movimento... Poucos hoje acreditam na regência desses deuses, mas nada impede que um dia tivéssemos acreditado, portanto com o imaginário mitológico mais à flor da pele, mais inflado. Nenhum psicanalista acredita numa eventual *realidade* do nascimento do nosso psiquismo a partir desse namoro EROS/PSIQUE. Ou seja, foi um abocanhar de fatias do imaginário, para a explicação um pouco mais científica dos fenômenos, para a constituição mais moderna da psicologia.

Para dar um exemplo mais anedótico, hoje em dia, tal como acontecia nos anos das grandes descobertas e viagens às Índias, às Américas, pouca gente teria pavor de atravessar o cabo das tormentas em função dos terríveis dragões e monstros que rebentariam nas ondas fatais dos mares. A “ciência” meteorológica se sobrepôs à “religião” mitológica. Abocanhamos, pois, um pouco mais desse imaginário mitológico, nossas explicações e entendimentos ficam menos vitimados por ele. Esse imaginário não tem mais, em geral, a força de reger com toda prevalência as nossas ações com o mesmo poder que exibira outrora, embora deva concordar que isso vale mais para a porção ‘cientista’ que há dentro do homem comum, do que para a porção de homem comum que haja dentro de qualquer cientista.

Quando Lacan dizia que a psicanálise não poderia ter nascido antes do sujeito moderno da ciência, a meu ver diz um pouco isso: a psicanálise não poderia ter nascido sem que já tivéssemos conseguido galgar uma etapa um pouco mais avançada de contração do imaginário mitológico. E nada disso me parece também muito diferente do modo como o próprio criador da psicanálise dispunha os avanços do conhecimento na evolução da *fase animista* para a *fase religiosa* e por fim para a *fase científica* de explicação das forças da natureza.

Algumas formulações são emblemáticas das forças ou vetores de pressão que vão do corpo ao sentido, ou do sentido ao corpo. O vetor das ciências exatas, físico-químico-biológica, é uma força explicativa *monista* que vai da matéria ínfima, do micro-bios simples, até o complexo mais sublime da mente humana, do sentimento, da fina inteligência. Toda a nossa mente teria suas raízes na matéria simples e ínfima – dizê-la “simples” é um recurso estilístico, dizer que a física elementar é simples é um contra-senso. Mas da matéria simples até o mais complexo da mente

humana dar-se-ia uma linha monista de continuidade que procura a cada etapa explicar essa movimentação vetorial: do corpo (do minúsculo bios) ao sentido (à maiúscula mente).

A própria psicologia nasceu nesse anseio, nessa vetorização e com euforia gritante. H. Piéron tem a frase mais emblemática, nos anos 15 ou 20 do século que se foi, a qual denota bem o vetor de atuação na descoberta e explicação do psiquismo: « dai-me um nervo e um músculo e eu vos farei um espírito »<sup>2</sup>. Frase demiúrgica das mais felizes, conota a ambição da psicologia como ciência monista, escorada na maior certeza das ciências exatas, na física, na biologia.

Nos anos setenta em diante, o progresso da biologia molecular, das neurociências, da neurologia cerebral, faz com que um livro como, por exemplo, *O Homem neuronal* de J. P. Changeux, proponha a hipótese de que tudo o que se passa no corpo humano, tudo o que se passa na alma, na mente humana, pensamento, imaginação, tudo seria explicado como a resultante de gráficos neuronais dispostos de uma maneira  $x$  ou uma maneira  $y$ , através de suas neurotransmissões, das suas sinapses. Cada sentimento, cada angústia, cada ação, pensamento, sublimação, cálculo humano seria a *resultante cifrável* de dispositivos das arquiteturas em bilhões de neurônios. Se pudéssemos fazer uma paródia aqui para o que vimos há pouco com H. Piéron, diria que a sentença demiúrgica que resume o *Homem Neuronal* poderia ser: « dai-me dois neurônios e uma sinapse e eu vos farei um espírito ». E dessa maneira entendo continuarem as ciências monistas no seu vetor a cifrar explicativamente um conhecimento desimaginarizado do homem, de seu corpo e seu espírito, sem exceção à banda larga do seu psiquismo e sua linguagem<sup>3</sup>.

Bem, não sou especialista nessa área. Se procuro alertar para o interesse dessas regiões das neurociências é porque para mim importa ver de que modo com elas poderemos entender o *fator linguagem* na constituição desse corpo, de que modo deduzir o fator linguagem a partir

---

<sup>2</sup> Reproduzido de memória a partir de um texto de Hilton Japiassu que lamentavelmente não consegui recuperar.

<sup>3</sup> Em Bevidas (1996) desenvolvi mais amplamente comentários sobre esse livro de Changeux.

desses arranjos neuronais. Noutros termos, e em decorrência, interessa investigar como poderemos dispor o papel de fundamentação da linguagem (e, em psicanálise, do inconsciente) no *fator corpo*. Há uma teoria lingüística que participa mais diretamente dessa região: a lingüística chomskyana. Mas algumas de suas hipóteses e axiomas de base não me convencem o suficiente para abraçá-la e interessar-me mais de perto. E também porque, dentre as possibilidades de diálogo com a psicanálise, a lingüística de Chomsky foi a que menos teve sucesso ou ingresso no pensamento lacaniano. Quem conhece um pouco da história da relação de Lacan com a lingüística pode facilmente notar que a referência a Chomsky quase sempre foi deceptiva, sua lingüística parecia sempre a léguas do que Lacan entendia como as leis de linguagem do inconsciente.

Claro que a paródia a Changeux é uma tentativa de simplificação. São muitas as ciências trabalhando nessa região a morder e avançar o espaço do imaginário mitológico com a explicação monista, materialista, bio-neurológica. Mas o vetor é esse: do bios, do corpo à construção do registro do sentido, à construção da mente, da imaginação, dos sentimentos, afetos, inconscientes ou não.

*OBS. Não me restrinjo aqui, visto o caráter geral da abordagem, aos movimentos inconscientes tal como os define a psicanálise propriamente dita, mas abranjo também todos os movimentos da mente. São movimentos gerais, epistemológicos de amplo espectro, da ciência. E cabem, também, segundo penso, à psicanálise. Afinal de contas, para meu entendimento, e aqui sou solidário com alguns poucos psicanalistas (penso poder referir-me a MDMagno): não é o inconsciente estruturado como uma linguagem, ou melhor, não é só o inconsciente o que se estrutura como uma linguagem. Não defendo uma exclusividade languageira para os movimentos do inconsciente. É toda a mente que tem uma estrutura languageira, melhor, toda a mente é linguagem, independente de alocarmos determinados movimentos seus para uma região “recalcada”, dinâmica e singular, que chamamos inconsciente, e outros movimentos para re-*

*giões menos conscientes ou conscientes por inteiro. Tudo em termos de ação da mente é linguagem mormente porque categoriza, porque classifica, opõe, compara dados externos perceptivos, vindos dos sentidos exteroceptivos, dados internos tramados nos cálculos interoceptivos da sua própria operação cognitiva, enfim, dados dos empuxes somáticos, proprioceptivos, advindos dos humores do corpo, seus instintos ou suas pulsões. Para dizer minhas convicções atuais de uma maneira um tanto brutal: a mente (humana), mais do que um registro de percepção a ser informado em seguida pela linguagem, é antes uma cepção ativa (do latim capio-cepi...), operada imediatamente em semiocepção, isto é, em semântica imediata, semas ou sentidos comparecidos antes mesmo de qualquer cogitação superior, numa palavra, uma linguagem operante no corpo, órgão privilegiado que é deste.*

Do outro lado do regime de forças que tentam contrair o espaço do imaginário mitológico, um outro concerto de disciplinas avançou bastante mordendo esse real do corpo, esse real um pouco imaginarizado da especulação mitológica, através das “hermenêuticas” lato sensu, disciplinas semióticas do registro do sentido ou da sua interpretação. Elas instalam toda sua força na leitura do sentido já manifestado em sua complexidade, isto é, leitura da sua *resultante discursiva*, nas artes, na poesia, nos constructos ou práxis humana significante, sejam quais forem suas maneiras específicas, ou semióticas, de manifestação languageira (semióticas visuais, esculturais, arquitetônicas, pictóricas, literárias, musicais, dança, rito, teatro, a bricolagem artesanal, enfim,...a fala do paciente). Poderíamos entendê-las, via de regra, como um vetor de *retroação*: do sentido ao corpo. Partem, pois, do complexo das multiplicidades estonteantes das resoluções languageiras, estruturas significantes, do sentido, para pouco a pouco serem cobradas a examinar em que medida essas estruturas de linguagem foram se inscrevendo no corpo, foram sendo extraídas ou ‘exsudadas’ do corpo. O *nihil est in intellectus quod non prius fuerat in sensu*, de Aristóteles poderia ser aproximadamente contextualizado aqui como: nada se passaria

no sentido (na intelecção) que não tivesse antes passado pelos sentidos (no corpo)<sup>4</sup>.

A questão crucial é que entre corpo e mente ainda temos um poderoso hiato, um vazio enorme, um buraco negro no conhecimento. Na verdade, nesse fio contínuo que os monistas pretendem haver entre a matéria e o espírito, entre o ínfimo simples da matéria e a complexidade gigante da mente, há uma série de hiatos. Quando o Prof. Roberto Lent, em palestra anterior (26.03.2002) sobre a psicanálise e as neurociências, ilustra com várias circunferências, do centro para as bordas, para notar as regiões da física quântica, da microbiologia celular, da microbiologia orgânica... até as regiões do humano e da sua sociedade, vemos que já é difícil passar da região do nível quântico para os níveis imediatamente superiores das composições atômicas e destas para o nível superior do elemento bios, micro-célular, dos organismos viventes. A própria física ainda tem um percurso longo para considerar-se teoria *unificada* em seus aspectos anteriores à matéria viva.

Ou seja, na verdade, a ciência no seu todo caminha pulando uma série de hiatos, saltando buracos negros do conhecimento, na passagem de um nível ao outro imediatamente superior. Cada nível se deixa ver como uma *ontologia regional* e o que se pretende como linha de continuidade monista, entre a matéria 'estúpida' e nanica (medida em nánons) e o espírito inteligente e gigante (medido em discursos), na verdade é uma sequência recortada de ontologias regionais, dispostas em cascata, e quase nenhuma ciência tem hipóteses razoáveis para explicar a passagem ou *resolução* de um nível em outro. A ciência é, pois, multifacetada, o conhecimento científico humano é parcelizado: cada ciência explica uma faceta do real, do corpo, do espírito.

Resignemo-nos portanto em reconhecer que, a cada passagem de nível, só podemos ainda dizer: aqui ocorreu um milagre, ali demos saltos mágicos na cognição, acolá acionamos a arbitrariedade na demonstra-

---

<sup>4</sup> Não significa que essa direção ou esse movimento de retroação seja algo conquistado ou plenamente conquistável, nem mesmo que seja assumido como programa explícito por essas disciplinas, mais voltadas a descrever na sua máxima complexidade, cada uma a seu modo, a riqueza inteligente das articulações significantes dos discursos humanos, construindo-lhes seus modelos e hipóteses descritivas dentro de margens de auto-suficiência.

ção. Noutras palavras, não temos como evitar o apelo à *reserva especulativa* que vimos definir nosso imaginário mitológico, um pouco mais contraído, é verdade, mas jamais inteiramente eliminado. É o apelo à *bruxa mitológica*, se quisermos parafrasear o que Freud emprestou do *Fausto* de Goethe para sua “metapsicologia de las brujas” (Vol.III: 3345). Freud cabe como luva aqui, mesmo porque a cena principal, o *grande ato* desses saltos, a galgar o hiato entre corpo e espírito, ocorre no limiar daquilo que ele concedeu chamar de “mitológico”, onde instalou mais um “ser” (uma nova ontologia regional ?) que denominou *pulsão*, limiar onde se dá a *catástrofe* que a pesquisa psicanalítica se fatiga para entender.

Catástrofe, no sentido que teoriza René Thom, significa mudança “brusca” de um regime a outro, o que parece simples, mas que é um fato surpreendente, para não dizer milagroso: passa-se bruscamente de dados da biologia, dados fisiológicos, puramente quantitativos, neuronais, arquitetura eletroquímica de sinapses, para dados espirituais, qualitativos, idéias, sentimentos, dados nocionais, mentais, sublimes, enfim, para a arquitetura semântica da linguagem. Nesse sentido não me parece ilegítimo entender a pulsão nessa região catastrófica, terra incógnita, onde se opera a *metamorfose* do corpo ao sentido, a *semiotização* dos empuxes do corpo às pulsões, da fronteira extrema do corpo ao limiar emergente do sentido, região que recebe todo o peso, *em progressão*, das *morfogêneses* do corpo e todo o peso, *em regressão*, das *morfologias* da linguagem, das formações languageiras.

Essa dupla vetorização – o movimento do sentido, organizado em linguagem, para o corpo, e do corpo, organizado em quantidades neuronais, para o sentido – pode bem ser uma leitura do que o criador da psicanálise teria deixado, se não como diretriz explícita, ao menos como fantasma obsedante: a dependência e concomitância da dinâmica do inconsciente (registro do sentido) frente ao econômico das quantidades energéticas (registro biológico). Em Freud, os dois registros, se não pudermos dizer que procurava confluí-los, estavam na verdade imbricados um no outro de maneira imperceptível, mas inelutável.

Conhecemos hoje o *Projeto* do médico vienense. Tinha como objetivo o nosso primeiro vetor: do corpo ao sentido, das facilidades, permeabilidades ou impermeabilidades, entre os três tipos de neurônios, até a sua concomitância e dependência às formações de sentido,

ideacionais ou “representacionais”, como no seu linguajar. Lembremos que a primeira definição de *Ego* freudiana foi a de um complexo de investimentos neuronais – as “catexias” inventadas na tradução de Strachey para o inglês – como suporte de um complexo de idéias mais ou menos harmonizadas para o indivíduo. Foi um dos primeiros neurólogos, com a ousadia do pesquisador lúcido, a querer já dar o salto do corpo ao sentido, salto esse que ainda constitui o grande desafio das neurociências atuais. Ou seja, um conjunto de neurônios bem catexizados conotam, produzem, ou respondem por um conjunto de idéias, de sentimentos. Se pensarmos na passagem da parte primeira do *Projeto*, em que monta a arquitetura das catexias neuronais, para a segunda, em que analisa o caso Emma – a moça com fobia de entrar sozinha numa loja –, é fascinante ver que o “muy descarado” pesquisador da afasia tenta dar nesses dois capítulos o pulo que todas as ciências de hoje se põem como desafio urgente.

Ora, a lucidez de Freud à época foi a de saber capitular, saber render-se à dificuldade do salto e a insuficiência de conhecimentos para efetuarlo. Então, para dizê-lo numa palavra, “pediu licença” para alocar suas pesquisas inteiramente no âmbito do psicológico (registro do sentido), visto que este representava à época a “estação limite” (metáfora já comentada atrás) do conhecimento. Sua lucidez consistiu em reconhecer esse limite e lançar para um quem sabe amanhã do futuro científico, futuro da biologia – de possibilidades ilimitadas, disse ele ao final do *Para Além do Princípio do Prazer* –, uma outra e nova eventual configuração para a sua teoria.

Lacan, na perspectiva em que me coloco aqui de entender enfocar esses grandes gestos de indução das teorias, não fora tão precavido assim. Estruturalista linguageiro convicto nas primeiras fases do seu ensino, época em que empunhava a bandeira senão do *inteiramente* simbólico do inconsciente, ao menos do *sobretudo* simbólico do inconsciente, vetou liminarmente o registro do biológico. Se a palavra veto é muito forte, fiquemos com a palavra atrofia. Lacan hipertrofiou o simbólico e atrofiou a presença do biológico no regime do seu inconsciente: *ça parle* (isso fala) era seu emblema recorrente, e não um eventual *ça sent* (isso sente). Sua ênfase incidia sobre o sujeito falante, um corpo-que-fala, e não propriamente um corpo-que-sente.

Dessa forma, contraposto a Changeux, talvez tivesse dito, e para mim ele o disse, não na letra mas no intento – para continuarmos as paródias sobre a frase de H. Pieron – com seu veto ao biológico e promoção do simbólico, Lacan poderia ter dito de modo igualmente demiúrgico, isto é com a energia hercúlea de mover o mundo (da psicanálise) em seu dorso: “dai-me dois significantes e uma relação e eu vos farei um sujeito”. Como se vê, um sujeito totalmente construído dentro de um registro, o simbólico.

De modo que, perante as duas forças de pressão ou vetores que vejo desenharem-se no horizonte das ciências hoje, a psicanálise pós-lacanianiana pode estar numa espécie de beco quase sem saída, ou difícil de sair. Hoje em dia vemos em vários segmentos dessa orientação psicanalítica uma grande agitação em torno da teoria do *afeto* freudiano. É comum ouvir aqui e ali que se até hoje na psicanálise foi muito desenvolvida a teoria da *representação*, como vamos desenvolver uma teoria do afeto? Quando André Green escreveu o famoso livro *O discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto* (1973: 120-1), denunciando agressivo a lacuna no pensamento de Lacan, mais que isso, denunciando o que chamou de “aversão” de Lacan pelo afeto, “banimento” do afeto, Lacan imediatamente respondeu no *Télévision* (1974: 37): “o que deve ser pesado, é se minha idéia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem permite verificar mais seriamente o afeto”. O que quer dizer Lacan com isso? Para meu entendimento diz isso: se tirarmos o acento linguageiro do afeto, não teremos outra coisa a fazer a não ser abandoná-lo para o registro puramente corporal, puramente biológico, para simples cifras de energias quantificáveis pela bio-física. O que fica uma impossibilidade de avanço para a psicanálise, risco de fazê-la voltar para o capítulo um do *Projeto* de Freud, sem mecanismos para virar a página.

Daí que vejo um sério risco de contradição quando grupos de psicanalistas pós-lacanianos dizem que o afeto não se estrutura como linguagem, que haveria algo na fala do paciente que fugiria ao sentido, um real do afeto que escaparia aos mecanismos da linguagem, essas frases para mim são meras frases de efeito, charmosas mas sem consistência mais conseqüente. Porque se tivermos um afeto que realmente escape das leis linguageiras, ele é um puro grito primata, pura cifra de frequência sonora ou de batimentos cardíacos, não passará disso. Qualquer elocubração,



ilação, conceptualização, ou escuta, que tiver de fazer desse afeto, eu não tenho outro caminho senão retorná-lo à linguagem. Não só a organização mental produtora mas também o próprio raciocínio investigador, escutador, está banhado nela, nossa cognição, conceptualização não tem como prescindir da linguagem para conceber um objeto, um fato, um afeto. Então não temos como fugir da linguagem nem mesmo para cercarmos as regiões mais recônditas do afeto no corpo. Um afeto não nomeado não significa um afeto que fuja à cadeia da linguagem. A frase da Lacan acima, ainda espera para ser levada mesmo a sério.

Por exemplo, houve recentemente um Encontro do Campo Freudiano em São Paulo que se chamou “Mais forte que eu”. A idéia do colóquio, ao menos no que pude colher de sua divulgação internética, era pontuar que o mote acima, extraído “da mais habitual das expressões de surpresa, paixão ou descontrole” – entendo com isso momentos habituais da clínica em que irrompe algo que fosse mais forte e impossível de simbolizar, que não faz sentido, incógnito ao sentido, superior às forças do paciente – isso exigiria um pretendido “segundo ensino” da escuta lacaniana, onde a palavra estaria separada de qualquer sentido, onde “o significante sem sentido, mais forte que qualquer associação, abre o campo à Letra, um significante desprovido de significação”.

Bem, pelas minhas convicções aqui explanadas, as frases acima são todas contraditórias: (a) definir a habitual expressão do paciente como “surpresa, paixão ou descontrole” é já atribuir-lhe alguma *distribuição semântica*, no interior da linguagem, ou seja, o analista já colheu ou fez aí sua associação linguageira; então (b) não é algo mais forte que qualquer associação; (c) significante sem sentido, letra ou significante desprovido de significação não resiste a menor análise, é puro barulho de voz ou rabisco gráfico, a menos que os termos sejam mais uma vez conotados em outros volteios metafóricos, caso em que (d) toda metáfora de escapismo é suspeita<sup>5</sup>.

Por coincidência encontrei dia desses uma frase de Freud cuja data precoce me espantou. Bem, para contextualizar a coisa, digamos que estamos

<sup>5</sup> O comentário deve ser visto com as reservas necessárias. Não acompanhei o colóquio, nem tenho notícia de alguma publicação sobre os temas tratados. Para o que se refere ao significante, em Bevidas (2000) três capítulos são diretamente voltados à teoria de Lacan.

diante de um problema: haveria algum tipo de explosão de afeto (paixão, descontrole) na clínica do qual o tricotear do inconsciente pelo registro linguajeiro não daria conta. Então já temos um primeiro grande desconforto: a tese toda de Lacan pode ruir, a da estrutura linguageira do inconsciente. Se não consegue dar conta de um afeto súbito do inconsciente que é inominável, então para que serve o resto? Para conversar imaginariamente com o paciente? Há duas mil terapias para isso. Mas vejamos o que diz Freud no “caso Isabel” (1893) mal havia ainda a certidão de nascimento da psicanálise, balisticamente registrada na *Interpretação dos sonhos*, de 1900:

*“El neurasténico<sup>6</sup> que describe sus dolores nos da, en cambio, la impresión de hallarse entregado a una difícil labor intelectual, superior a sus fuerzas. Su rostro se contrae como bajo el dominio de un afecto penoso ; su voz se hace aguda, busca trabajosamente las expresiones y rechaza todos los calificativos que el médico le propone para sus dolores, aunque luego se demuestren rigurosamente exactos. Se ve claramente que, en su opinión, es el lenguaje demasiado pobre para dar expresión a sus sensaciones, las cuales son algo único, jamás experimentado por nadie, siendo imposible agotar su descripción” (Vol.I: 108 – itálicos meus)*

Freud já coloca, pois, essa angústia do inominável, do sentimento penoso que não tem nome, nada mais do que como um dos sintomas. Era então isso um sintoma do neurastênico, atribuir para si um afeto, mais forte que suas forças, que ninguém conseguisse entender, incomunicável e insondável. Ora, Freud, diante disso, ao invés de abandonar-se para um *fora linguagem*, constrói ao contrário uma imensa teoria no registro do sentido, justamente trazendo esse mais forte do que eu do afeto neurastênico para o registro da dinâmica, dos conflitos, enfim da sua metalinguagem explicativa, da maneira como edificou a psicanálise. Ou seja, quem sabe se muito daquilo que hoje a psicanálise considera

<sup>6</sup> Em nota de rodapé, no texto: “Hipocondriaco o enfermo de neurosis de angustia”

como um ponto difícil, enigmático, um caso limite, além da pobre linguagem, não seja o que Freud já estimava como uma espécie de ponto de partida. A linguagem não é pobre; pobres são nossos meios descritivos e conceituadores de seus meandros. Se Lacan foi acusado de banir o afeto de sua teoria, que a psicanálise que nos legou evite o risco de ser acusada de ‘neurastênica’.

## DARWIN E A LINGUAGEM

Para retomar e concluir este texto com o esquema dos dois vetores de pressão, além das teorias neurobiológicas, neurociências, cognitivismos, neurofilosofias e tudo o mais que nos exige o desafio de ancorar as estruturas linguageiras do inconsciente nos seus suportes neuro-cerebrais – a ‘celebração’ do inconsciente e da linguagem supõem sua *cerebração* – hoje também se destacam algumas teorias neodarwinianas da linguagem. Darwin que também durante algum tempo foi considerado superado (como muita gente pensa de Freud), retoma nos últimos anos um lugar de destaque no cenário das discussões acerca da vida, da mente, da linguagem, ou antes da inscrição corporal da mente. Não havia uma incidência de “retorno” ao seu pensamento, que a pudesse modernizar, até o recente advento do computador, das ciências algorítmicas, que trabalham com programas vertiginosos de probabilidades, de casualidades, entre acasos e necessidades, nas transformações evolutivas da espécie, dos organismos ou da mente humana, não havia instrumentos, regime fantástico dos algoritmos trabalhados em computador, que pudessem calcular a enormidade de ‘caos’ que acontece na evolução dos seres e de nossa mente<sup>7</sup>.

Surgem hoje no horizonte das ciências pós-estruturalistas e filosofias da linguagem perspectivas neodarwinianas de fundação da linguagem, ou seja a linguagem como sendo *resultante especiada* – no sentido da nossa especiação, melhor que *seleção* das espécies – e derivada de complexificação da nossa etologia animal. A linguagem na verdade não seria nada mais, ou nada de natureza diferente, não seria um sopro divi-

<sup>7</sup> Sobre esses novos instrumentos e hipóteses, confira-se Dennett (1995)

no, uma ajudinha transcendental, mas um dos desdobramentos da nossa vida animal, da nossa mente antes animal e depois humana.

Dentre os neodarwinianos, D. Dennet escreveu recentemente *A perigosa idéia de Darwin* (1995), em que apresenta um painel muito importante das bibliografias de outros autores que trabalham nessa direção. A idéia interessante que vejo aí é a possibilidade de fazer com que as formações de linguagem, dos significados, não seja uma coisa tal como o estruturalismo mais radicalmente pensou. O estruturalismo foi um veto às origens. Lembremos de Lévy-Strauss e sua lei do incesto como um “corte” entre o antes disso, como não pertinente, e o depois disso como somente o que conta. O próprio Lacan tem formulações bem marcadas para dizer que qualquer pesquisa sobre a linguagem não pode chegar a lugar nenhum se quiser correr atrás das suas origens.

Então as origens da linguagem era um veto do estruturalismo. Este procurava explicar a complexidade de um discurso, de uma fala, de um mito, a partir de sucessivas simplificações do complexo, criando modelos ou sistemas de oposição, binaristas, em quadratura ou em arborescências, para chegar às estruturas abstratas, profundas ou elementares (do parentesco, da significação, do significante, do sujeito, do inconsciente), estruturas mínimas que, nos seus desdobramentos e nas suas lógicas internas, fossem capazes de prever e descrever (senão explicar) a produção das sutilezas do discurso, da fala ou dos mitos. Mas vejam, isso é um tanto “angelical”, se se pode dizer : fazer brotar uma estrutura de si própria, na verticalidade do simples ao complexo, ou do profundo ao superficial, sem a espessura de contaminações históricas, sem a história ‘horizontal’ de sua inscrição cerebral. Ora, de onde, de que sítio angelical proviriam essas estruturas mínimas? O estruturalismo pecou de certo modo por não dar devida importância à emergência dessas estruturas a partir do corpo, em seu enraizamento bio-neurológico, e a partir do tempo, em suas inscrições corporais e evoluções na especiação humana, ao longo da história.

É alentador hoje ver muitas publicações acentuando esse fator das “inscrições corporais do espírito” (*cf.* Varela *et al.*). Os franceses até importam hoje a expressão inglesa “*embodiment*”, para dizer essa amarração corporal das estruturas. E Dennet tem um capítulo inteiro onde tenta propor as matrizes do significado a partir da evolução das espéci-

es. Isso abre um campo muito instigante para a questão da linguagem, para entender o advento da linguagem na etologia humana.

Claro, estamos aqui numa dimensão de cronologia de longo alcance, uma giga-cronologia. Difícil acompanhar a dedução, resolução, evolução ou desdobramento da linguagem a partir da etologia, desde os primórdios da vida na terra e da vida nos animais. Na área das ciências da linguagem temos algumas disciplinas mais voltadas aos aspectos diacrônicos da linguagem – a filologia e a etimologia – mas seu raio de ação ou sua cronologia é de curto alcance: fazer derivar uma língua como a portuguesa do latim ou do grego, verificar os encadeamentos semânticos ocorridos, é uma história de dois, três mil, ou pouco mais de anos; isso é um nada perante a história de milhões de anos na escala da evolução da vida ao animal homem, das possíveis linguagens eto-primitivas às linguagens eto-atuais. Mas a importância é tamanha que toda a ambição fica justificada de pronto.

Os neo-darwinianos arriscam hoje no palco das ciências hipóteses de que, além do imperativo *genético*, imperativo dos genes, existe desde o momento que o regime de complexificação genética e corporal incorporou a informação à distância, a comunicação, os primórdios da linguagem chamada humana, desenvolveu-se um outro imperativo a que chamam os *memes*. Dawkins escreveu um livro *O gene egoísta* em 1976 onde fala que na espécie humana, uma outra força começou a rivalizar com a força ou imperativo dos genes. A expressão « observar o mundo do ponto de vista do olho do gene » não é metáfora vazia. A gente pensa que o ser humano vive em função de seu corpo, em função de seus órgãos, e não é. Cumprimos religiosamente os imperativos de nossos genes, vivemos para quê, senão para replicar os genes? Daqui a pouco, quando a gente não interessar mais, quando nosso corpo, hospedeiro dos genes replicantes, não serve mais para o que veio, dane-se o corpo e a gente, ficou garantido o gene. Importa que procriamos, deixamos o gene ter continuidade, replicação. Seríamos meros serviçais desse imperativo genético. Dennet situa exemplos fascinantes. Por exemplo, o salmão se bate todo cascata acima, fere seus órgãos, mortifica seu corpo, para quê? Para preservar a si, para algum benefício de seu próprio organismo? Pelo contrário, é puramente para cumprir o imperativo genético: desovou, garantiu a replicação do gene, fica descartado, não conta mais. Freud

também os teria situado e, numa releitura do *Além do princípio do prazer*, na perspectiva do olho do gene, talvez fosse mesmo interessante reexaminar a teoria da compulsão à *repetição*, à luz da nova metáfora do gene e sua *replicação*. O retorno ao inanimado, à ‘paz’ da matéria não viva, retorno do recalçado de Freud, talvez pudessem ser re-estimados.

No caso humano, com a interferência dos *memes*, isto é, das idéias, motivos, concepções e ideologias, canções de ninar ou adágios populares, que brotam do exercício da linguagem, eles começaram a rivalizar com os genes. As idéias bem sucedidas, que formaram as grandes e pequenas filosofias, ideologias, teorias e orientações internas às disciplinas, que formaram nossos costumes, nossa *etologia*, nossas convicções, elas mortificam igualmente o corpo em nome de sua replicação. Quanta gente não morre por uma idéia, um ideal. Acabamos de ver os atos terroristas, morrer e matar por uma porção de idéias. Então a força replicativa dos memes é paralela e hoje talvez preponderante à força replicativa dos genes. Um meme, quando nasce, está condenado a querer replicar-se. E para não pensarmos que estamos dizendo das núvens, também as rivalidades teóricas, de orientações, nos nossos campos de atuação, são também elas serviçais estratégias replicantes...

Não sei onde vão dar tais idéias e metáforas, mas vejo-as com otimismo porque introduzem novas oportunidades de retomar a importância do *fator linguagem* na própria organicidade, no etos do corpo humano, em sua especiação. Em semiótica já estamos desenvolvendo uma idéia mais próxima disso. Enquanto a psicologia trabalhou a captação dos influxos do mundo através de conceitos como estímulos extero, intero, proprioceptivos, estamos desenvolvendo a idéia de uma espécie de *catástrofe de percepção*, para o caso humano, inspirado no que R. Thom propõe para o caso dos animais<sup>8</sup>. Um click brusco da percepção faz com

---

<sup>8</sup> “O predador esfomeado « é » sua presa”, diz Thom. O animal só forma seu “ego” no instante mesmo do ato de percepção da presa (do predador, ou do parceiro sexual). Se tem a percepção da gestalt de algum outro animal-presa, então *se faz predador* e avança; e se na sua percepção gestaltica se desencadeia nele a percepção do predador, então *se faz presa* e o mecanismo é de fuga. Seu ego é *intermitente*, não é uma entidade permanente devido às *fascinações* exercidas pelos objetos de sua percepção (cf. Thom, 1974: 247-8).

que na verdade não captamos primeiro as coisas tal um autômato para depois movermos o molinete, a maquininha da interpretação ou da intencionalidade. A intencionalidade já estaria *incarnada*, já captamos a coisa languageiramente, produzimos já uma semiocepção: não captamos os eventos do mundo ou os eventos corporais se eles não *significam algo* de imediato, em sua *cepção*, enfim, sua *semiocepção*, captação semiotizante que gera as balizas languageiras para nosso comportamento, nosso pensamento, nossas ações, nosso inconsciente<sup>9</sup>.

Enfim, diante do quadro das duas forças de pressão acima comentadas, presumo que essas sejam idéias estimulantes se quisermos uma perspectiva de avanço da psicanálise que não recuse os desenvolvimentos das ciências que se fazem hoje, para ficar repetindo ritualisticamente o que disse Freud e o que já disse Lacan. Foi importante o que disseram, mas só puderam dizê-lo porque estiveram extremamente atentos ao movimento do pensamento de sua época. Ora, ao nosso redor, acontecem coisas completamente diferentes: neurobiologia, neurociências, informática. Lacan mal teve tempo de ver o que era um computador e no entanto vejam que no próprio nascimento da *cibernética*, nome primeiro dado ao que hoje constitui a *inteligência artificial e cognitivismos*, já fazia seus comentários com essa descoberta, com seus mecanismos subjacentes, seus programas e o que isso significava como possibilidades de analogia, de metáforas para a evolução do seu pensamento.

As analogias certamente vão mudar, as metáforas certamente vão mudar, a analogia do computador está fortemente presente, não podemos nos rebelar tão facilmente contra elas, a teorização dos *memes* como metáfora dos *genes*, são presentes. Acredito e sou otimista em esperar que, se soubermos captar desses autores sua preocupação epistemológica, também conseguiremos fazer avançar o conhecimento desse “obscuro objeto” da psicanálise, o afeto, e o leque de suas tensividades (intensidades e extensividades).

---

<sup>9</sup> No caso do homem, prossegue Thom, a atividade simbólica e o aparecimento da linguagem tiveram um papel decisivo na evolução: “o homem liberou-se da fascinação das coisas dando-lhe *um nome* (...) o ego pôde constituir-se de maneira *permanente*” (1974:248 – itálicos meus).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEIVIDAS, Waldir. (1996). “Do sentido ao corpo. Semiótica e Metapsicologia” in SILVA, I. A, *Corpo e sentido. A escuta do sensível*. São Paulo: UNESP, p. 119-133.
- \_\_\_\_\_. (2000) *Inconsciente et verbum. Psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanitas.
- DENNETT, Daniel C. (1995). *A perigosa idéia de Darwin. A evolução e os significados da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FREUD, Sigmund. (1973). *Obras Completas*. 3 vol. Madrid: Biblioteca Nueva
- GREEN, André. (1973). *O discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- LACAN, Jacques. (1974).  *Télévision*, Paris: Seuil.
- THOM, René. (1974). *Modèles mathématiques de la morphogenèse*. Loos (Nord): L.P.-F.L Danel.
- VARELA, F.& THOMPSON E. & ROSCH, E. (1993). *L'inscription corporelle de l'esprit. Sciences cognitives et expérience humaine*. Paris: Seuil.